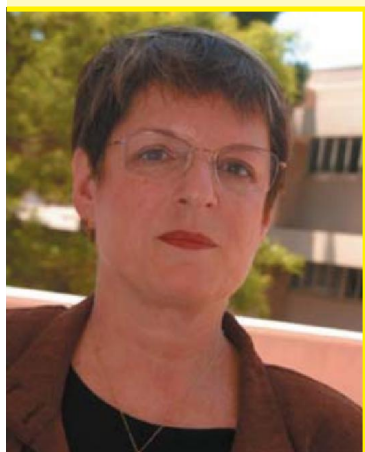


JUDITH GREEN

Interação na sala de aula e formação de professores



Judith L. Green, ao longo das últimas três décadas, atuou nos diversos níveis de ensino, da escola elementar ao ensino superior. Desde 1990 é professora e pesquisadora da Escola de Pós-Graduação em Educação da Universidade da Califórnia (EUA), onde é uma das coordenadoras do grupo de pesquisa Santa Barbara Classroom Discourse Group. Doutorou-se pela Universidade da Califórnia, onde desenvolveu estudos sobre as relações entre ensino, aprendizagem, cultura e linguagem. Juntamente com seus colegas, tem publicado artigos sobre pesquisa etnográfica em livros organizados pelo National Council of Teachers of English, pela American Educational Research Association, e pela International Reading Association. Estudos etnográficos são estudos desenvolvidos por pesquisadores que procuram entender o modo de vida de grupos, através da observação do cotidiano, da linguagem e de outras práticas sociais. As pesquisas mais recentes de Judith Green privilegiam o exame de como as práticas de sala de aula possibilitam o acesso dos estudantes às diferentes disciplinas.

Como crianças ganham acesso ao conhecimento escolar? O que é considerado letramento e aprendizagem na instituição escolar? Como o conhecimento é socialmente construído? Que oportunidades de aprendizagem são construídas em salas de aula, e quem tem acesso a essas oportunidades? Judith Green vem explorando questões desse tipo como membro do Santa Barbara Classroom Discourse Group, comunidade de pesquisa composta por professores etnógrafos, estudantes etnógrafos e outros etnógrafos da Universidade.

O engajamento dessa pesquisadora e de seus colegas no estudo de questões referentes a aprendizagem, ensino, cultura e linguagem é orientado por teorias sobre a construção social do conhecimento e busca evidenciar como professores produzem teorias com seus alunos e como essas teorias conduzem suas práticas. O objetivo do grupo é identificar princípios orientadores das práticas que visam possibilitar igualdade de acesso para todos os alunos.

- Entrevista concedida a Ceris Ribas, Sara Mourão Monteiro e Maria Lucia Castanheira.
Transcrição e tradução: Maria Lucia Castanheira.
Apresentação: Ceris Ribas, Sara Mourão Monteiro e Maria Lucia Castanheira



Havia um interesse daquela comunidade em saber como os processos de ensino apresentados, analisados e discutidos durante o curso eram desenvolvidos em salas de aula. Sheridan, em suas pesquisas, havia constatado que mesmo professores mais experientes levavam de quatro a cinco anos para transformar sua sala de aula.

PP: Qual o papel da universidade junto ao California Writing Project (Projeto de Produção Escrita da Califórnia)?

Judith Green: O *California Writing Project* constitui uma rede de formação de professores. Esse projeto iniciou-se em Berkeley, em 1974, e faz parte de um programa nacional de formação de professores, com 167 regionais em todos os estados do país.

O papel da universidade nesse processo de formação de professores é manter a direção dos trabalhos e oferecer suporte organizacional e acadêmico, sendo que os recursos financeiros vêm dos governos federal e estadual. Esse projeto é considerado um dos programas de formação de professores de maior sucesso no país. Cada uma das 167 regionais do projeto é associada a uma universidade, mas o que está em pauta, o que está sendo compartilhado entre os professores são suas próprias experiências. A idéia é a de que o melhor professor sobre os processos de ensino da escrita é outro professor que já teve êxito em seu trabalho.

PP: Como aconteceu, em 1990, o seu contato com esse grupo de professores que já vinham trabalhando juntos?

Judith Green: Ao iniciar meus trabalhos na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, fui convidada a visitar esse grupo e conhecer seu trabalho, pois na região de onde vinha não existia um projeto similar a esse. Conheci esse grupo de

professores, sendo apresentada como uma etnógrafa que desenvolvia estudos sobre interações em salas de aula. Sheridan Blau, Carol Dixon e eu iniciamos nossa conversa com professores vinculados a esse grupo de formação porque estávamos interessados em compreender o que acontecia em suas salas de aula. Havia um interesse daquela comunidade em saber como os processos de ensino apresentados, analisados e discutidos durante o curso eram desenvolvidos em salas de aula. Sheridan, em suas pesquisas, havia constatado que mesmo professores mais experientes levavam de quatro a cinco anos para transformar sua sala de aula e integrar diferentes aspectos de trabalho explorados durante o processo de formação.

PP: O que aconteceu, então?

Judith Green: O grupo indicou diversas séries consideradas excelentes na abordagem adotada. Esses professores concordaram com nossa presença em suas salas de aula para o desenvolvimento de pesquisas etnográficas. Naquela altura, não exploramos o trabalho que já havia sido desenvolvido nessa área, mas fizemos leitura e discussão dos trabalhos de teóricos como Bakhtin, Todorov. Também lemos outros teóricos estrangeiros, de maneira que, nesse grupo, todas as pessoas tiveram oportunidade de se colocar no mesmo patamar de conhecimento. Estabelecemos comparações entre diferentes teorias e examinamos suas



Quando iniciamos esse trabalho de pesquisa, combinamos com os professores que eles teriam o controle, que a sala de aula era deles, que era um privilégio nosso fazer parte dela e que, nesse sentido, não iríamos interferir.

implicações para pensarmos a sala de aula. Nesse processo de discussão, fomos reconstruindo o referencial teórico, a base teórica do grupo e o que seria a etnografia e seu uso nesse contexto de trabalho. O *Santa Barbara Classroom Discourse Group* se constitui nesse espaço de discussões em que se reúnem profissionais e estudantes de diferentes instituições.

PP.: Como se define a relação dos pesquisadores com as professoras?

Judith Green: Quando iniciamos esse trabalho de pesquisa, combinamos com os professores que eles teriam o controle, que a sala de aula era deles, que era um privilégio nosso fazer parte dela e que, nesse sentido, não iríamos interferir. Eles teriam total controle sobre onde nos assentariamos, o que faríamos e como faríamos. Decidimos que nosso objetivo seria o de examinar como o professor ou professora, juntamente com seus alunos, cria sua comunidade de escrita em sala de aula. Iniciamos o processo de pesquisa com a entrada de duas estudantes – pesquisadoras, uma de Taiwan e outra americana, em uma sala de aula de sétima série. Porém, uma delas quebrou todos esses acordos quando interagiu com os alunos de uma maneira que interrompia o trabalho da professora enquanto ela estava dando aulas. Além disso, essa aluna – pesquisadora, por conta própria, definiu como objeto de seu estudo o tema amor, sexo e morte. Era uma sétima série.

Diante disso, tomamos a decisão de interromper a sua pesquisa, uma vez que ela havia quebrado os acordos feitos inicialmente com os professores, trazendo problemas para o andamento do projeto. Esse foi um fato marcante na construção de uma relação de confiança com essa professora e outros professores do grupo. Posteriormente, ao nos reunirmos novamente com o grupo, a professora de sétima série narrou o acontecido e manifestou a confiança que passou a depositar em nós, em função da decisão que tomamos. Como etnógrafos estamos entrando em seu mundo para compreender o que significa ser membro desse mundo, não para modificá-lo, não para intervir. E, além disso, a professora tinha suas próprias questões, o que a levava a se interessar por certas partes dos nossos estudos. Como consequência disso, esses professores se sentiram à vontade para nos receber. Isso facilitou a nossa entrada na sala de aula de outros professores, desde os primeiros instantes do ano, com nossas câmeras de vídeo e outros equipamentos.

PP.: Que tipos de questões são examinadas nas pesquisas desse grupo?

Judith Green: Uma questão mais geral é: o que a perspectiva etnográfica nos auxilia a ver do trabalho dos professores e alunos em sala de aula? Os professores conversavam sobre o quê e como a perspectiva etnográfica os ajudava a analisar sua própria prática e

ENTREVISTA

JUDITH GREEN



Essa é uma das características desse curso de formação: ter as experiências de trabalho compartilhadas. A cada ano novas pessoas passaram a fazer parte do nosso grupo na universidade e outros professores se mostravam interessados em que trabalhássemos com eles em suas salas de aula.

contribuía para tornar visível para outros professores o trabalho que desenvolviam? Então, não fazíamos a pesquisa para mudar o ensino. Eles estavam dispostos a compartilhar e servir de exemplo no trabalho proposto para o ensino da escrita. Essa é uma das características desse curso de formação: ter as experiências de trabalho compartilhadas. A cada ano novas pessoas passaram a fazer parte do nosso grupo na universidade e outros professores se mostravam interessados em que trabalhássemos com eles em suas salas de aula. Como resultado desse trabalho de pesquisa, foram produzidas cerca de 12 teses durante esses anos. Foram também realizados encontros, nos quais os professores participavam e escreviam conosco artigos que foram publicados em revistas especializadas.

PP.: Além das informações que os professores tinham do projeto, o que mais os motivava a participarem dele?

Judith Green: Os professores se inscrevem no programa por vontade própria. Eles estão motivados a voltar a estudar, a analisar como escrevem, como eles podem ajudar seus alunos a escreverem melhor. A motivação, portanto, começa com isso, ou seja, é um compromisso em aprender de novo, com a análise de sua prática, com a expansão desse conhecimento. Os professores não se vêem como peritos, mas como pessoas

que têm experiência e estão dispostas a compartilhar essa experiência com outros.

PP.: Então, nesse processo, o que se constituiu foi um grupo de trabalho, com pesquisadores da universidade e professores?

Judith Green: Recentemente, Sabrina, uma professora da terceira série, entrou para a pós-graduação e utilizou os dados etnográficos coletados anteriormente por outro pesquisador em sua sala para escrever sua dissertação sobre letramento acadêmico. E Beth, outra professora que participava do grupo, está trabalhando com os dados que uma pesquisadora do grupo coletou em sua sala de aula para investigar como os alunos modificam, ao longo do ano escolar, o entendimento que têm do que é ser estudante. Somente essas duas professoras resolveram fazer pós-graduação; os outros continuam trabalhando conosco e, se eles demandam alguma coisa de suas salas de aula, fornecemos os dados coletados nesse processo. Às vezes, eles escrevem a partir desses dados. Nós analisamos o que os professores solicitam que seja analisado, e outras questões são negociadas no grupo. Às vezes, eles publicam juntamente com os pesquisadores de sua sala de aula.

PP.: O que vocês aprenderam com todos esses anos de trabalho?



Os professores tornam visível para os alunos o pensamento, a lógica que há por trás das ações. Eles querem mostrar por que, como, quando e sob que condições certas coisas deveriam ser feitas. Não querem simplesmente dizer aos seus alunos para fazer isso ou aquilo.

Judith Green: Esse trabalho nos levou a compreender que há um modelo de ensino e aprendizagem. Podemos descrevê-lo de duas maneiras. Uma delas é analisar padrões em comum entre as diferentes salas de aula pesquisadas. E um desses padrões é o compromisso dos alunos em falar a partir de evidências. Por exemplo, ao fazer a interpretação de um texto, esta pode ser diferente da dos demais participantes da sala de aula, mas cada um tem de falar a partir de evidências para fundamentar o que está falando. Nós podemos ver isso da primeira série ao último ano do ensino médio. Esse trabalho se desenvolve a partir de teorias da leitura e da escrita, para as quais existem múltiplas interpretações de um mesmo texto. Entretanto, para que se possa ter uma discussão sobre essas diferentes interpretações ela deve tornar-se pública. A natureza pública dessa discussão requer que se apresentem evidências, não somente opiniões. Esse processo de discussão leva o leitor de volta ao texto, à visão do autor e também à base de sua própria interpretação como leitor.

Outro conceito-chave, explorado nessas salas de aula, é a identificação de padrões nos tipos de textos e nas atividades desenvolvidas. As crianças aprendem, por exemplo, que autores podem escrever de formas variadas. Ele pode ser um historiador ou um matemático. Com isso aprendem que existem diferentes padrões. Além disso, o trabalho desenvolvido nessas salas de aula tem conexão com a vida

cotidiana dos participantes, professores e alunos. Nessas salas de aula você pode escrever sua própria história e não somente ler histórias. No início do ano, os alunos escrevem sua história como leitores, ou como matemáticos. Eles também escrevem sua história como alunos no ano anterior, em outra sala de aula. Ao final do ano, eles escrevem sua história refletindo sobre si mesmos como aprendizes naquela turma em particular. Eles também escrevem sobre sua comunidade na sala de aula.

PP: Por que é importante trabalhar com o princípio da interação em vez da autoridade na sala de aula?

Judith Green: Os professores tornam visível para os alunos o pensamento, a lógica que há por trás das ações. Eles querem mostrar por que, como, quando e sob que condições certas coisas deveriam ser feitas. Não querem simplesmente dizer aos seus alunos para fazer isso ou aquilo, pois compreendem que os resultados e as conseqüências do domínio das ações por parte deles são diferentes em cada uma dessas condições. Se os alunos compreendem a lógica que há por trás das ações propostas pelos professores, eles podem optar. Porém, se eles são comandados, podem se tornar resistentes ou seguidores obedientes. Os professores querem que os alunos tenham condições de dominar as possibilidades das práticas, não simplesmente executá-las.



É o que precisa ser feito: ensinar a ser um escritor, e não simplesmente a escrever. Forma-se um escritor que desenvolve certas práticas, que se tornam públicas e sujeitas a críticas. Afinal, existe um conjunto de expectativas, normas, padrões para escritores.

PP.: Como os princípios do trabalho desenvolvido pelo professor podem contribuir para a formação dos alunos?

Judith Green: Uma das professoras que participa do grupo afirma que gostaria que seus alunos fossem os guardiões de sua própria força, de suas almas, o que é uma perspectiva crítica. O projeto de formação vê as práticas de análise crítica de forma positiva. Saber como ser um escritor e o que os escritores fazem, por exemplo, constitui a base do projeto. Isso não é considerado apenas pedagogia crítica. É o que precisa ser feito: ensinar a ser um escritor, e não simplesmente a escrever. Forma-se um escritor que desenvolve certas práticas, que se tornam públicas e sujeitas a críticas. Afinal, existe um conjunto de expectativas, normas, padrões para escritores.

A linguagem que ouvimos nessas salas de aula é muito diferente daquela utilizada em outros tipos de ensino. E não é simplesmente na escrita ou na leitura. Esses grupos interrogam: o que significa ser um historiador? O que um historiador faz? A pesquisa de Doug Baker em um curso de arte demonstra como uma professora, com experiência em arte, trabalha em sala de aula para fazer com que os alunos se apropriem de um conjunto de expectativas e normas sobre o que será considerado arte ou uma crítica de arte dentro daquela sala de aula. Isso significa que dentro de uma comunidade existem parâmetros para se avaliar o que

é uma participação apropriada, mais profissional, e os alunos têm, por meio desse curso de arte, oportunidade de se apropriar disso. O aluno faz certas coisas não porque o professor lhe diga que faça, mas porque está se tornando membro de uma comunidade maior, que possui certas expectativas.

Há uma peça desse quebra-cabeça sobre a qual ainda não falei e que constitui um dos princípios de trabalho desenvolvido. As diferentes disciplinas não controlam o que se faz em sala de aula. A peça que falta está relacionada à seguinte pergunta: como conectar os recursos e conhecimentos que os alunos trazem com o que fazem e aprendem na escola, sem que a escola seja a única e legítima forma de pensamento? Atentos a essa questão, os professores, freqüentemente, propõem aos alunos que pratiquem, em casa, algum tipo de observação e utilizem recursos para escrever. Por exemplo, um caderno para anotar coisas interessantes vistas ou ouvidas em qualquer espaço, e não apenas na sala de aula. Dessa forma, as fronteiras da escola não são as paredes da sala de aula. As escolas são abertas e a comunidade passa a ser vista como um texto, a família se torna um texto, todas as coisas podem ser vistas como textos a serem lidos e compreendidos pelos alunos e seus professores.

PP.: Você poderia nos falar sobre a organização do trabalho em sala de aula?



Os alunos estão sempre estabelecendo comparações entre diferentes interpretações. Nesse contexto de trabalho, o conhecimento não é somente do indivíduo, mas é público e se torna público, não somente para se julgar se é bom ou ruim, há uma outra razão de ser.

Judith Green: Uma característica comum a essas salas de aula é a forma como elas se organizam em diferentes situações. Assim, os professores passam, por exemplo, do trabalho com toda a turma para pequenos grupos, chegam ao individual e depois voltam para a turma como um todo. O que se vê são diferentes formas para se desenvolver o trabalho. Um mesmo assunto pode ser discutido em diferentes contextos. Os alunos podem escrever em grupos, mas vêm discutir individualmente com a professora sobre o texto produzido e depois apresentam o texto para a turma toda. Numa sala do ensino médio, os alunos podem ser solicitados a voltar ao texto individualmente se, após terem discutido em pequenos grupos, encontrarem visões diferentes e não concordarem entre si. Eles retornam ao trabalho individual para buscar evidências que dêem suporte ao seu argumento e podem retornar à discussão em grupo. Dessa forma, os alunos estão sempre estabelecendo comparações entre diferentes interpretações. Nesse contexto de trabalho, o conhecimento não é somente do indivíduo, mas é público e se torna público, não somente para se julgar se é bom ou ruim, há uma outra razão de ser. Além disso, essa variação de interlocutores em sala de aula faz com que o professor não seja a única fonte de conhecimento.

PP: **Que tipo de questões o seu grupo costuma pesquisar?**

Judith Green: Uma das questões que já foi examinada em nosso grupo é a do letramento escolar. Analisamos como o letramento escolar é construído, e não simplesmente alguma coisa que nomeamos letramento. Quais são as demandas de letramento e quais seriam as práticas de letramento nas diferentes disciplinas numa sala de aula da escola elementar? Como essas demandas são construídas e quem tem acesso a essas práticas? O simples fato de estar numa sala de aula não significa que se tenha acesso a essas práticas. Quem pode usar essas práticas? Com que propósito e de que maneira? Outra questão abordada é a igualdade de acesso. Às vezes, com certas crianças é necessário desenvolver atividades diferenciadas para que elas possam ter a mesma chance que outras. O grupo se volta também para investigar práticas de letramento, não habilidades, mas as formas de fazer. É como uma teoria da cultura orientada pela prática. A prática de ser um cidadão no Brasil não é a mesma de outros países. As práticas para ser um cientista não são as mesmas em física e em biologia, por exemplo. Isso demonstra que, mesmo dentro de um mesmo campo, como no da ciência, as práticas são diferentes. O aluno precisa aprender essas práticas para se tornar letrado, para demonstrar para outros que sabe como fazer biologia ou, ainda, como fazer física como um físico. Nós investigamos, então, a pro-

ENTREVISTA

JUDITH GREEN



Temos também pesquisado sobre as identidades que os alunos podem ter em sala de aula. Não a identidade no singular, mas a multiplicidade de identidades criadas por meio dos diferentes tipos de interação estabelecida entre os participantes.

gressão do conhecimento ao longo do tempo e as conseqüências advindas do fato de se saber ou não certas coisas. Também temos investigado questões sobre bilingüismo, porque há inglês e espanhol nas salas de aula. Temos também pesquisado sobre as identidades que os alunos podem ter em sala de aula. Não a identidade no singular, mas a multiplicidade de identidades criadas por meio dos diferentes tipos de interação estabelecida entre os participantes. Uma das questões examinadas é, então, quais são as identidades potenciais disponíveis aos alunos nas oportunidades de aprendizagem em sala de aula?

PP.: Isso é uma decorrência da relação estabelecida entre professores e alunos?

Judith Green: Não é somente no plano da relação entre professor e aluno, mas também no plano das relações entre os pares, de alunos com alunos. A professora precisa estar ciente do que acontece dentro dos pequenos grupos, não somente no plano coletivo da turma. Um exemplo interessante ocorreu numa sala de aula de segunda série. Três alunos produziam um texto em grupo. Um desses alunos falava apenas o espanhol e os outros dois eram bilíngües (espanhol e inglês). A professora se aproximou desse grupo e percebeu que os alunos bilíngües estavam utilizando somente o inglês, fazendo com que o terceiro menino ficas-

se fora do grupo. A professora havia formado aquele grupo propositadamente, porque sabia que os alunos também falavam espanhol. Ao ver como o grupo estava trabalhando, conversou com os dois alunos bilíngües sobre como poderiam ajudar o colega, Toni, a fazer parte das atividades. Os dois responderam que eles poderiam falar em espanhol e assim o fizeram. Dessa forma, Toni teve possibilidade de experimentar outra identidade e passou a ser participante ativo do grupo de trabalho.

PP.: A linguagem que você utiliza para falar sobre essas questões é bastante peculiar. Por que é preciso esse tipo de linguagem para falar sobre a sala de aula?

Judith Green: Se acreditamos que o conhecimento é construído a partir de determinado ponto de vista, então, toda teoria, seja informal ou formal, pessoal ou pública, vem de um determinado ângulo. Isto produz uma maneira de ver o mundo, de falar sobre ele, e permite que se fale sobre algumas coisas e não sobre outras. O que todos assumem como simplesmente uma maneira de falar é, na realidade, constituído a partir de uma perspectiva epistemológica, uma maneira de ser, conhecer e fazer a que nós chegamos num determinado momento de nossa história. Então, nada é natural. Precisamos nos perguntar como as coisas se tornaram o que são.

ENTREVISTA

JUDITH GREEN



Não creio que seja possível a alguém refletir no momento em que as coisas estão acontecendo e fazer mudanças imediatas. Precisamos de tempo para pensar. Esse é um aspecto fundamental da pesquisa e do ensino que precisa ser compreendido.

Eu não posso falar de sala de aula usando a linguagem behaviorista, quando procuro ver esse espaço de outro ponto de vista. Com a linguagem do behaviorismo se pode falar do que é melhor ou pior, não do que é diferente. Precisamos de uma outra linguagem. Então, são diversas razões que nos levam a precisar de uma outra linguagem. Razões políticas, por exemplo.

PP.: Como você analisa o trabalho desenvolvido com esse grupo de professores ao longo dos anos?

Judith Green: Em função do período prolongado do nosso trabalho, nós analisamos o impacto de várias reformas educacionais nas salas de aulas. Esse impacto raramente acontece da maneira como foi planejado ou de acordo com os objetivos divulgados publicamente. Quando as mudanças propostas eram menores, por exemplo, quando um professor precisava mudar a série em que trabalhava, ele encontrava outras maneiras de fazer o seu trabalho. Porém, o nível de controle tem sido maior nos últimos anos e as reformas têm limitado bastante o que esses professores podem fazer.

Paralelamente às reformas educacionais, existem desencontros no mundo da pesquisa sobre o que vale como evidência. Nesse caso, somente números estatísticos têm valido como evidência, ou somente estudos comparativos entre

diferentes salas de aula definidas por escolha aleatória. Por meio do *Office of Research and Inclusion*, um novo Instituto de Ciências da Educação, consideram-se como pesquisa somente alguns estudos de larga escala com sistemas de observação que não olham, mas examinam o que acontece dentro da sala de aula. Apenas grandes testes têm sido considerados. O movimento de pensadores e o governo estão definindo o que pode ser considerado como pesquisa nos Estados Unidos. Isso está abrindo a possibilidade de se considerarem outras abordagens que não sejam estudos de grande escala.

Já desenvolvi pesquisas utilizando observações em larga escala e posso demonstrar como outro tipo de estudo, a microanálise do discurso, pode ser melhor. Porém, é muito mais intensa, laboriosa. É necessário analisar por longo prazo e transcrever os dados de maneira sistemática. Podemos falar das mudanças acontecidas ao longo do tempo no processo de trabalho desses professores. Essa aprendizagem pode ser vista, geralmente, no ano seguinte, não imediatamente. Não creio que seja possível a alguém refletir no momento em que as coisas estão acontecendo e fazer mudanças imediatas. Precisamos de tempo para pensar. Esse é um aspecto fundamental da pesquisa e do ensino que precisa ser compreendido.